

E não nos introduzas em tentação, mas livra-nos do mal.

Mateus
6:13

Questões do cotidiano¹⁴

Se fomos injustamente desconsiderados por alguém, não será mais razoável deixar esse alguém com a revisão do gesto irrefletido, ao invés de formularmos exigências, nas quais viremos talvez unicamente a perder a própria tranquilidade?

Se fomos ofendidos, por que não nos colocarmos, por suposição, no lugar daquele que nos fere, a fim de enumerar as nossas vantagens e observar, com silencioso respeito, os prejuízos que lhe dilapidam a existência?

Se incompreendidos, não será mais aconselhável empregar o tempo,

trabalhando na execução dos deveres que esposamos, ao invés de fazer barulho para descerrar prematuramente a visão dos outros, às vezes com agravo de nossos problemas?

Se criticados, em razão de erros nos quais tenhamos incorrido, por que não nos resignarmos às próprias deficiências, retomando o caminho reto, sem reações e provocações que somente dificultariam a nossa caminhada para a frente?

Se abatidos na provação ou na enfermidade, por que insurgir-nos contra as circunstâncias temporariamente menos felizes a que nos encadeamos, desprezando as oportunidades de elevação, em nosso próprio favor?

Em quaisquer lances difíceis do cotidiano, adotemos serenidade e tolerância, as duas forças básicas da paciência, porquanto, se não prescindimos da fé raciocinada, para não cairmos na cegueira do fanatismo, precisamos da paciência, meditação e autoanálise, a fim de que não venhamos a tombar nos desvários

da inquietação.

(*Reformador*, jul. 1969, p. 148)

Obsessões²³

Nem sempre conseguimos perceber.

Os processos obsessivos, bastas vezes, porém, principiam de bagatelas:

O olhar de desconfiança...

Um grito de cólera...

Uma frase pejorativa...

A ponta de sarcasmo...

O momento de irritação...

A tristeza sem motivo...

O instante de impaciência...

A indisposição descontrolada...

Estabelecida a ligação com as sombras por semelhantes tomadas de invigilância, eis que surgem as grandes brechas na organização da vida ou na moradia da alma:

A desarmonia em casa...

A discórdia no grupo de ação...

O fogo da crítica...

O veneno da queixa...

A doença imaginária...

A rede da intriga...

A treva do ressentimento...

A discussão infeliz...

O afastamento de companheiros...

A rixa sem propósito...

As obsessões que envolvem individualidades e equipes quase sempre partem de inconveniências pequeninas que devem ser evitadas, qual se procede com o minúsculo foco de infecção. Para isso, dispomos todos de recursos infalíveis, quais sejam a dieta do silêncio, a vacina da tolerância, o detergente do trabalho e o antisséptico da oração.

(*Reformador*, set. 1969, p. 197)

Não te afastes

A superfície do mundo é, indiscutivelmente, a grande escola dos espíritos encarnados.

Impossível recolher o ensinamento, fugindo à lição.

Ninguém sabe, sem aprender.

Grande número de discípulos do Evangelho, em descortinando alguns raios de luz espiritual, afirmam-se declarados inimigos da experiência terrestre. Furtam-se, desde então, aos mais nobres testemunhos. Defendem-se contra os homens, como se estes lhes não fossem irmãos no caminho evolutivo. Enxergam espinhos, onde a flor desabrocha, e feridas venenosas, onde há riso inocente. E, condenando a paisagem a que foram conduzidos pelo Senhor, para serviço metódico no bem, retraem-se, de olhos baixos, recuando do esforço de santificação.

Declaram-se, no entanto, desejosos de

união com o Cristo, esquecendo-se de que o Mestre não desampara a humanidade. Estimam, sobretudo, a oração, mas, repetindo as sublimes palavras da prece dominical, olvidam que Jesus rogou ao Senhor supremo nos liberte do mal, mas não pediu o afastamento da luta.

Aliás, a sabedoria do Cristianismo não consiste em insular o aprendiz na santidade artificialista, e, sim, em fazê-lo ao mar largo do concurso ativo de transformação do mal em bem, da treva em luz e da dor em bênção.

O Mestre não fugiu aos discípulos; estes é que fugiram dele no extremo testemunho. O divino Servidor não se afastou dos homens; estes é que o expulsaram pela crucificação dolorosa.

A fidelidade até o fim não significa adoração perpétua em sentido literal; traduz, igualmente, espírito de serviço até ao último dia de força utilizável no mecanismo fisiológico.

Se desejas, pois, servir com o Senhor Jesus, pede a Ele te liberte do mal, mas

que não te afaste dos lugares de luta, a fim de que aprendas, em companhia dele, a cooperar na execução da Vontade celeste, quando, como e onde for necessário.

(Vinha de luz. Ed. FEB. Cap. 57)

⁷⁴ Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Segue-me!...* Ed. O Clarim. Cap. "Questões do cotidiano".

⁷⁵ Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Segue-me!...* Ed. O Clarim. Cap. "Obsessões", com pequenas alterações.